

RECURSOS TECNOLÓGICOS NA LITERATURA INFANTIL

Cassia Cordeiro Furtado¹

Daniella Carvalho Pereira dos Santos²

RESUMO

Abordagem sobre o trajeto tecnológico percorrido pela literatura infantil na sociedade contemporânea. Objetiva compreender como a literatura infantil, através de seu universo de fantasias e ludicidade, pode atuar no cenário das práticas de leitura, contribuindo para a formação de leitores em meio às possibilidades tecnológicas. Este estudo tem como metodologia uma revisão de literatura respaldando discussões acerca: das mudanças de paradigmas da práxis leitora com ênfase no século XXI e da aliança entre a literatura infantil e a tecnologia digital como ferramenta propulsora da formação de leitores. Conclui-se que os agentes educacionais continuam a desempenhar papel relevante como mediadores das práticas de leitura, principalmente numa sociedade em que se lida com uma nova geração de leitores e com tecnologias que oferecem novas formas de acesso e interação com o texto literário.

Palavras-chave: Literatura infantil. Tecnologia. Prática de leitura.

INTRODUÇÃO

Teorizar a literatura infantil sob o prisma evolutivo não volatiliza a sua essência, embora seja necessário reconhecer que a sua forma de apresentação em tempos remotos são refletia a magia e o encantamento perceptíveis atualmente, uma vez que na sociedade contemporânea a riqueza da literatura infantil está em unir fantasia e informação com sutileza, trabalhando os sentimentos e as emoções do sujeito-leitor.

¹ Professora Adjunta Departamento de Biblioteconomia e Pós-Graduação em Design - UFMA – Brasil. Mestre em Ciência da Informação – UNB, Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais - UA/UP – Portugal, Pesquisadora da FAPEMA. Coordenadora Geral do Núcleo De Pesquisa Interdisciplinar em Leitura, Comunicação e Design de Hipermídia – LEDMID. E-mail: cassia.furtado@ufma.br

² Bibliotecária/Documentalista – UFMA. Mestranda em Design de Produtos – UFMA. Pesquisadora Associada Discente do Núcleo de Pesquisa Interdisciplinar em Leitura, Comunicação e Design de Hipermídia – LEDMID. E-mail: daniella.santos@ufma.br

Sob a visão unânime de muitos estudiosos, reitera-se a caracterização da literatura infantil como arte e fenômeno estético que, segundo Coutinho (1978, p.8 apud SILVA, A., 2009) não tem como escopo ensinar, doutrinar, pregar a moralidade, embora seja inevitavelmente conduzida a estes preceitos, pois o gênero literário ou estético destaca naturalmente o social, o histórico, o religioso entre outros aspectos transformadores da humanidade.

Particularmente, buscou-se aqui rever conceitos, analisar estudos e refletir sobre a mediação no processo de formação de leitores, porém, no sentido de compreender a literatura infantil como objeto mediador deste processo.

Em linhas gerais, a história e a trajetória da literatura foram marcadas por turbulências no que concerne aos seus objetivos e a sua conceituação enquanto gênero. Seus fins pedagógicos ainda hoje geram discussões, uma vez que a função didático-pedagógica ainda está impregnada e tende a castrar a amplitude de sua natureza estética, minimizando a qualidade no seu processo de produção; este fato permite tecer comentários para fins de reflexão, uma vez que, por ser produzida para fins de atender a um projeto político ligado à educação, a literatura infantil surge em meio à preocupação de imprimir um conceito mercadológico, focando o consumismo e, portanto, produzida em grande escala, contudo sem grande riqueza de conteúdo, num universo onde prima-se pela quantidade e não pela qualidade.

ENCONTROS E DESENCONTROS, HISTÓRIA E REPERCUSSÃO DA LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Rememorando seus aspectos históricos, urge fazer algumas considerações e demarcar momentos significativos desde os primórdios da literatura infantil, iniciando pela forma como o universo infantil era concebido pela sociedade. A percepção da criança que se tem atualmente é bem recente e difere de como esta era concebida até o século XVII, pois da convivência com os adultos obtinha-se uma equiparação social que ocultava o mundo infantil como espectro de fantasia e imaginação.

Somente ao final do século XVIII surgiram os contos com a roupagem que se tem atualmente, originados na França por meio de Charles Perrault, que editou narrativas folclóricas contadas por camponeses, ocultando trechos obscuros e desprovidos de moralidade.

A caracterização da literatura infantil como gênero se deu em meio às mutações sociais com o papel de educar moralmente o público mirim europeu e este objetivo se estendeu à realidade brasileira, através de obras pedagógicas de produções portuguesas.

A partir do século XVIII, com o advento da revolução industrial e a massificação das políticas de alfabetização, novas classes sociais surgem e a literatura infantil sobressai-se ao passo que a escola é reconstruída, priorizando a formação pessoal através da valorização das práticas de leitura e escrita como condição *sinequa non* para a ascensão social.

Tais acontecimentos europeus repercutiram no contexto brasileiro a partir do século XIX, focando as propostas educativas da práxis.

Em A voz... (2011, não paginado) tem-se que:

As primeiras obras brasileiras para a infância foram adaptações da literatura europeia e tinham espaço e tempo distinto do vivenciado pelo leitor brasileiro. O livro destinado ao leitor infantil assumiu desde sua origem uma personalidade educativa e tinha como finalidade o seu uso como instrumento para o ensino. Sua razão de ser era o ensino e esse fim deveria estar acima de todos os outros.

Não obstante, no Brasil destacou-se o consagrado Monteiro Lobato como precursor da literatura infantil, contestando as concepções morais vigentes e evocando a percepção da criança como ser pensante e especial. No contexto brasileiro, Lobato prodigiosamente rompeu os paradigmas tradicionais carregados de moralismos e austeridade, trabalhando em suas obras questões sociais e aspectos reais com a leveza da fantasia, unindo realidade e ludicidade.

Outrossim, a literatura infantil era produzida para atender a um critério específico, subjugando seu valor estético de observação do mundo e assumindo caráter intrinsecamente pedagógico.

Portanto, é relevante considerar os reais valores e a verdadeira identidade deste gênero literário, que tem o papel majestoso de fascinar e sutilmente ensinar sem imposição de regras, atentando para o fato de que a capacidade intelectual do leitor não está atrelada à faixa etária, mas ao seu nível de compreensão do mundo e de suas vivências. Tal colocação vale para que se reflita sobre a qualidade do conteúdo produzido neste gênero, tendo em vista a pobreza de algumas obras, visando o conceito mercadológico em detrimento da qualidade, pois como afirma Silva, A. (2009, p.139):

Geralmente há indicações de faixa etárias que comprometem a literatura, reduzindo-se a determinado grupo de leitores, ignorando a capacidade intelectual e o desejo dos consumidores dessa literatura tão vitimada pela relação de venda e consumo.

Acreditando no poder influenciador da literatura infantil, auxiliando no conhecimento do mundo uma vez que lhe é peculiar o caráter instrutivo, desejou-se fazer sobressair também o seu ideal de deleitar, entreter e proporcionar prazer ao leitor, pois se a arte estética da literatura infantil não fizer desabrochar o prazer, a obra deixa de ser literária para ser didática.

Nesta atmosfera de concepções sobre a literatura infantil, observou-se que o livro infantil e a escola, no final do século XVII e início do século XVIII, surgiram com a finalidade de controlar o desenvolvimento intelectual da criança, manipulando seus pensamentos e tolhendo seus sentimentos e sua compreensão do mundo, pois esta assumia o papel apenas de receptor das ideias do adulto que produzia as obras ou as adaptava, já que a infância não era considerada uma etapa da vida que merecesse atenção diferenciada, porém, uma fase na qual a convivência social lhe era negada e as normas sociais lhe eram impostas.

O professor ou qualquer outro agente mediador da leitura traz consigo a grande responsabilidade de formar e desenvolver leitores competentes a partir da postura que assume diante deles como facilitador e, principalmente, um leitor mais experiente.

Formar leitores a partir da literatura é tarefa que exige dedicação, pois todo o sentimento de prazer ou desprazer emitido pelo mediador no ato de ler é transmitido à criança, e qualquer deslize na prática da leitura poderá interferir no sucesso ou insucesso para alcance dos objetivos esperados.

É evidente que os interesses pelos tipos de leitura irão se modificar à proporção que o leitor for alcançando níveis intelectuais mais altos e novas experiências, tanto de leitura, quanto de vivência cotidiana, contudo a literatura se apresenta, conotativamente, como linha inicial na construção da concisão textual da prática da leitura. Soma-se a isto o fato de que a literatura infantil da atualidade oferece uma multiplicidade de leituras, questionamentos e reflexões, agregando valores e instigando no leitor o interesse em ultrapassar barreiras que limitem seu encontro com o conhecimento.

É sabido que a escola busca desenvolver na criança competências de leitura e escrita, no entanto, é mister ir além a fim de proporcionar um desenvolvimento social, emocional e cognitivo que permita à criança tornar-se um cidadão ativo, participativo e capaz de construir sua própria história de vida, com cenários de contos de fadas, porém com base real e sólida.

Nessa perspectiva, Bakhtin (1992 apud CASTRO, 2008, p. 1) define a literatura infantil como “[...] um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com sua necessidade”.

A literatura infantil precisa ser vislumbrada sob uma ótica transformadora, uma vez que tem o poder de influenciar positivamente na formação do leitor, não simplesmente no ambiente escolar, porém, para a vida, atingindo dimensões educativas plenas que fogem ao simples atendimento de uma grade curricular.

Os momentos de hora do conto permitem relacionar os sentimentos e fantasias com o mundo real, enfocando problemas existenciais da infância que tendem a gerar futuras crises de identidade se deixarem de ser trabalhados.

Segundo Abramovich (1997 apud CASTRO, 2008, p.2),

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

As ações políticas no âmbito das práticas leitoras iniciaram focando o livro, mas, a partir dos anos 80, o foco voltou-se diretamente à leitura, ainda que letargicamente.

Segundo Silva, R. (2009, p.87),

Da década de 80 para cá houve intensificação sobre a leitura e sua importância para o programa educacional do país. Muitas foram as ações (ou tentativas delas), porém permaneceram isoladas ou quando vinham por meio do estado dificilmente havia continuidade. A cada mudança de administração, também os encaminhamentos dados à leitura eram mudados.

Reiterando as palavras do autor, surge na década de 90 o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) com o propósito de oferecer a “democratização cultural” por meio de coleções de literatura brasileira entre outras.

Vislumbrando especialmente os pequenos leitores, é evidente que para o bom contato destes sujeitos com a leitura, é essencial que eles sejam estimulados pelo caráter estético e lúdico dos livros a fim de que vivenciem as emoções e a sua capacidade de imaginação, elementos estes que servirão de suporte para uma visão crítica do mundo e o desenvolvimento de sua individualidade e exercício da cidadania.

Neste viés, Araújo (2012, p.1) endossa que:

[...] o lugar ocupado pela literatura infanto-juvenil na arte literária reflete, de algum modo, o lugar ocupado pela criança na sociedade, já que ela, inserida na concepção

de mundo regida pelo adulto, ocupa um lugar de ‘inferioridade social’ [...]. Nesse sentido, e contrariamente a todas essas limitações, pensar a literatura infantil é, antes de tudo, pensar a literatura. Não podemos, de forma alguma, desvincular a literatura de literatura infanto-juvenil. Elas não se opõem, muito pelo contrário [...] o importante, ao pensar a literatura infantil é o substantivo literatura e não o adjetivo infantil. Dessa forma, não se trata simplesmente de livros para crianças, mas antes trata-se de literatura, de textos, que rejeitando o estereótipo, apostam na invenção, na criatividade e no valor estético.

Logo, têm-se na literatura infantil os componentes necessários para alicerçar um leitor crítico e autônomo, aniquilando o estereótipo de que as obras de literatura infanto-juvenis são instrumentos de caráter educativo marginal e repercutem com valor de infantilidade; contrariamente, concebe-se a literatura infantil como ponto de partida para se alcançar outros horizontes literários e informacionais, bem como o desenvolvimento da cultura da leitura.

REMODELAGEM DAS PRÁTICAS DE LEITURA NO SÉCULO XXI

Com o passar dos séculos, as práticas de leitura e escrita têm sido remodeladas para acompanhar a evolução histórica e tecnológica, trazendo novos paradigmas, novas ferramentas e outras oportunidades no século XXI.

Com efeito, Donato (2010, p.1) endossa:

[...] a leitura possibilita ao homem uma melhor compreensão de sua realidade, ao mesmo tempo em que delinea o modo como seu universo cultural e social flui [...]. Nesse caminhar, observamos no final do século XX, o remodelar do objeto texto e a possibilidade, através da escritura cibercultural, de uma mudança de paradigmas por parte do leitor.

Assim sendo, em meio aos avanços sociais, tecnológicos e educacionais, e partindo da multiplicidade de recursos que o século XXI apresenta, a práxis leitora exige do leitor capacidade de leitura em vários níveis, bem como a utilização de ferramentas em diferentes suportes e formatos.

Paulatinamente, a história da leitura foi trazendo conquistas e evoluindo dentro dos padrões de cada época, como afirma Rodrigues (2012, p. 195):

[...] o relacionamento com a leitura prosseguia de modo crescente. Para os padrões da época, o livro impresso espalhou-se como fogo em palha seca, incendiando a imaginação de toda Europa, fossem comunidade protestantes ou católicas. Na metade do século XVI, um leitor poderia escolher entre mais de oito milhões de livros impressos [...].

A prática da leitura oral e em voz alta foi cedendo lugar à leitura silenciosa, que se tornou mais usual, principalmente pelos leitores alfabetizados e familiarizados com a cultura

escrita; os gêneros literários foram sendo substituídos, modificando a forma de pensar e viver a realidade.

No cenário contemporâneo, esta prática vem resgatar a importância de um gênero literário em especial: a literatura infantil. Parte-se do princípio de que, para acontecer a leitura, basta que os signos apresentados sejam decodificados e que o leitor tenha conhecimento suficiente para apreender a mensagem, uma vez que o ato de ler acontece a todo momento, em todo o lugar e por meios diversificados.

Considerando que o século XXI configura-se como um século de transformações e de contribuições significativas ao processo de formação de leitores pelos avanços tecnológicos que se apresentam, pode-se agregar à ferramenta literatura infantil, atrativos associados ao meio digital, ou seja, se a literatura infantil por si só já incute ludicidade e prazer, será um diferencial a mais aliá-la aos recursos digitais que as tecnologias da informação propõem. A ideia é somar e não subtrair, uma vez que os jogos eletrônicos perceptivelmente têm conquistado o público infantil, a estratégia para conquistar os leitores infantis é colocar a tecnologia a serviço da leitura e fazer disto um motivador a mais para que o despertar do leitor tenha um impacto maior do que o esperado a partir deste gênero literário. Quanto a esta valorização da literatura infantil, Peruzzo (2011, p.96) ressalta que:

A literatura infantil desemboca o exercício de compreensão, sendo um ponto de partida para outros textos, pois com o passar do tempo, as crianças sentem necessidade de variar os temas de leitura uma vez que, a leitura é a forma mais sistematizada de elaboração da fantasia, passando a ter um nível mais elevado de cultura, estimulando a escolha e a crítica de certos textos. Para chegar à situação de um constante desenvolvimento de uma cultura da leitura, é necessária uma conscientização da sua importância para a vida e para a formação de um povo, porque não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores, como diz Monteiro Lobato.

Desse modo, aqueles que se propõem a mediar o processo de formação de leitores, sobretudo de leitores críticos, precisam vislumbrar que a adoção de novas práticas de leitura traz consigo grandes desafios, uma vez que se trata de um processo interativo e que exige o uso de estratégias adequadas para tal finalidade.

A práxis em questão foi sendo remodelada pelos avanços tecnológicos e, em pleno século XXI, há de se considerar a relação destes com os textos escritos e a repercussão de dois elementos relevantes que integram o processo de formação de leitores: os textos e as variadas formas de ler.

Tal remodelagem remete a uma série de transformações que perpassam historicamente pela passagem da leitura oral para a silenciosa, pela crescente produção editorial de livros e publicações periódicas e pela difusão eletrônica de textos, sendo esta última considerada a mais significativa e radical das transformações ocorridas e refletidas no século atual.

Ratifica-se isto ao refletir sobre as modificações causadas paulatinamente nas práticas de leitura, pela diversidade e múltiplas possibilidades de acesso aos textos; o mundo digital e sua proposta de novos formatos trouxe inovação à práxis leitora, hoje muito mais rápida, porém, também fragmentada, trazendo o desafio de desenvolver no leitor em formação habilidades e capacidade de compreensão em sua totalidade.

Diante de tal constatação, é conveniente preparar os mediadores de leitura (educadores e família) para lidarem com este desafio a fim de que o avanço tecnológico influencie positivamente na prática da leitura, permitindo apreender e ensinar novos universos, respeitando a faixa etária do leitor e propondo temas adequados aos seus interesses. Neste processo, é coerente conceber a família como extensão da escola, ou até mesmo o contrário: a escola como extensão da família, haja vista que os primeiros contatos da criança com a leitura surgem no seio familiar e o primeiro despertar para esta prática é responsabilidade de seus progenitores ou daqueles que exercem este papel. Logo, considere-se o mesmo para a apresentação dos aparatos tecnológicos à criança, a fim de que faça bom uso das oportunidades que estes recursos oferecem.

De acordo com Furtado (2013, p.84):

É fundamental família e escola terem um discurso uniforme para agirem na mediação e para que a criança e o adolescente tenham uma visão clara e cautelosa sobre as potencialidades e efeitos dos media digital no cotidiano, sendo preparados com segurança para a vida em ambientes híbridos e complexos.

Assim, se a família e a escola assumirem juntas o compromisso de acompanhar o processo de formação destes leitores, os obstáculos serão vencidos e o objetivo será alcançado, ou seja, na perspectiva do século XXI, a ideia é traçar um novo perfil de leitor que, ao lado do livro e de outros impressos, inclua outros suportes de leitura e adquira uma perspectiva hipertextual no ato de ler, através de uma postura crítica e autônoma de exercer a sua cidadania, ou seja, almeja-se que este novo leitor possua não somente a prática de ler, mas desenvolva uma cultura da leitura que possa ser expandida e contagie outros sujeitos leitores em formação (LUFT, 2011).

A remodelagem das práticas de leitura no século XXI vem ao encontro da necessidade de conectar as tradicionais ferramentas de leitura à cultura digital apresentada pela sociedade contemporânea.

A contribuição dos mediadores de leitura no processo de formação de leitores, uma vez que irão conduzi-los na tarefa de explorar o ciberespaço, devendo atuar como guias e facilitadores do processo, conduzindo os sujeitos leitores na apreensão de como se posicionar diante de um livro sob o suporte físico e diante de um texto digital.

A diversidade de signos verbais encontrada no ciberespaço por meio de sons, imagens e palavras acaba conduzindo o leitor em formação a buscar habilidade para lidar com a leitura em suas novas nuances, pois este hibridismo de apresentações acaba envolvendo-o sedutoramente quando não se dispõe da presença de mediadores com as competências já ressaltadas.

Dessa forma, a remodelagem das práticas de leitura no século XXI exige, não somente uma reflexão sobre a práxis, mas também sobre a postura do leitor e do mediador enquanto condutor do processo de formação de leitores.

CENÁRIOS DA LITERATURA INFANTIL: UM OLHAR SOB AS MÍDIAS DIGITAIS

Culturalmente, é possível estabelecer um elo entre leitura e tecnologia, considerando que o papel social da leitura não se anula em função dos meios nos quais é manifesta. Mas, afinal onde está a relevância: no suporte ou no conteúdo? fazendo-se referência à literatura, onde está expressa a arte estética, no meio veiculador ou na mensagem veiculada?

Há uma congruência no fato de que as formas diferenciadas de leitura não modificam a essência nem dissolvem a identidade dela.

A cultura midiática por si mesma instiga questionamentos e amplas discussões em torno da preservação do tradicional e do palpável; no que tange à literatura infantil, isso não é diferente. Há um temor de que o ambiente atrativo e cheio de interatividade venha furtar paulatinamente o prazer de ter ao alcance a literatura infantil no formato que tradicionalmente se conhece.

Indubitavelmente, folhear as páginas de livro impresso difere de utilizar a barra de rolagem de um dispositivo tecnológico para visualizar as páginas seguintes de um livro eletrônico; há uma magia, uma expectativa, um sabor ímpar em degustar um livro impresso. A sensação de lidar com os dois modos de apresentação do livro será sempre incomparável, cada qual com sua particularidade.

Na verdade, o que muda é a forma de saborear; não obstante, o apetite de conhecimento e o sabor do alimento intelectual são invariáveis em função da forma, pois se trata de alimento sólido e não inconsistente; ou seja, analogamente considera-se que, ao saborear uma boa massa num momento de apetite aguçado, os diferentes tipos de talheres utilizados não influenciarão o sabor do prato, pois estes não acrescentarão ao alimento o sabor esperado nem tampouco influenciarão o apetite daquele que o degusta.

Semelhantemente, Cassany e Allué (2012, não paginado) reiteram:

[...] não devemos confundir as garrafas com o vinho. A internet trouxe novos recipientes, novos sistemas de produção e distribuição (mais rápidos e eficazes), que nos permitem tomar vinho e saboreá-lo de novas maneiras, o mesmo vinho de antes ou outros que não conhecíamos [...]. É evidente que não se bebe do mesmo modo em uma taça, um copo, uma garrafa ou um odre. Por isso, devemos analisar o que muda na leitura pelo fato de utilizar dispositivos digitais.

Conduzidos pelo impacto das mudanças, muitos se esquecem de atentar para o fato de que a literatura, que imprime ludicidade, prazer e criatividade, continuará fascinando o seu público e não perderá a sua natureza transformadora de valores e comportamentos por estar empregada a outros suportes.

A tecnologia modifica a forma de apresentação da leitura e até mesmo a identidade do leitor, que adquire neste contexto de metamorfose outra designação, entretanto, ainda assim, o encantamento e o valor estético da literatura infantil não lhe serão subjugados.

Sob esta ótica, tem-se uma migração da obra do papel para a tela, o que sugere uma nova postura e uma nova forma de trabalhar e manusear o texto mediante a cultura midiática. Nesse ínterim, percebe-se que estar alfabetizado na idade pode equiparar-se a estar alfabetizado em plenitude na sociedade contemporânea, que exige uma inclusão social em decorrência de uma inclusão digital. Assim, como dito, a tecnologia emergente no campo da leitura notifica a forma embora mantenha a base, a saber: o texto.

Destarte, um conto literário narrado se apresentará ao leitor ouvinte de inúmeras formas, dependendo do veículo físico através pelo qual seja transmitido: sob a forma de

audiobooks (ou outro suporte fonográfico), mediante os formatos de vídeo, ou mesmo através do tradicional livro ilustrado ou dispositivo digital que agreguem som, imagem e textos como os aplicativos já comercializáveis. O diferencial está no mediador, na maneira como a mensagem será transmitida, pois esta dará vida à narração e evocará o lúdico e o potencial imaginativo do leitor, convidando-o a ser participante da práxis leitora, uma vez que a essência da literatura infantil sempre estará nela impregnada, independente do vínculo físico, aguardando ser manipulada para ser manifesta.

Simultaneamente às modificações ocorridas no formato/suporte que a literatura infantil apresenta e face aos diversos cenários que ela estabelece em meio à evolução tecnológica está a repercussão destas mudanças na identidade do leitor. Esta, por sua vez, vai sendo remodelada para adequar-se ao desenvolvimento da tecnologia digital, tendo em vista que o ciberespaço se constitui em um universo diferenciado para a experimentação literária, ao que Kirchof (2010, não paginado) reconhece como identidade em formação designada “ciberleitor infanto-juvenil”.

Kirchof (2010, não paginado) corrobora que:

Diferente de um texto impresso, um texto eletrônico convida o leitor para se tornar uma espécie de co-autor, pois ‘ler’ um hipertexto geralmente requer ‘interagir’ com o que se está lendo e realizar escolhas, de modo que o resultado final da leitura pode diferir cada vez que esta é realizada. De modo semelhante, a hibridação entre diferentes linguagens (visual, escrita e sonora) propiciada pelos recursos hipermidiáticos da literatura eletrônica faz com que a sua leitura se assemelhe muito mais à fruição de uma *performance* do que à decodificação de um texto linear (grifo do autor).

METODOLOGIA

O estudo consiste em uma revisão de literatura que teve como fontes de pesquisa: artigos científicos, anais de eventos nacionais e internacionais, trabalhos científicos e livros, abordando a temática da Literatura infantil no contexto educacional com ênfase nas transformações tecnológicas ocorridas na sociedade contemporânea, a fim de embasar discussões envolvendo as mídias digitais e a remodelagem das práticas leitoras para a formação de leitores desta geração que convive com as ferramentas tecnológicas.

RESULTADOS

É necessário conceber a práxis leitora para além do contexto escolar, transcendendo os parâmetros do texto escrito, valorizando as contribuições da experiência e da realidade.

Através da revisão de literatura, pôde-se constatar que:

- a) é preciso transcender a perspectiva da cultura letrada, onde a leitura está condicionada à escrita, subjugando a autonomia de criação e tolhendo o desenvolvimento intelectual daqueles que foram menos favorecidos no que concerne às práticas metodológicas da alfabetização;
- b) atualmente, com a tecnologia, a leitura conduz a formas de expressão a partir do texto lido, ou seja, pode-se ler e depois fazer um vídeo, uma música, uma comentário , um post em redes sociais, enfim;
- c) atualmente, com a tecnologia, a leitura literária oportuniza a criação e as mais diversas formas de expressão, a partir do texto lido. Ou seja, pode-se ler e depois fazer um vídeo, uma música, uma comentário na web, um post em redes sociais... O leitor torna-se assim, também autor;
- d) o contexto no qual o leitor está inserido influencia indubitavelmente no desempenho da sua prática de leitura, o que sugere que o contexto é elemento primordial na formação de leitores críticos e reflexivos e atua para orientar o trajeto do leitor em sua busca por conhecimento e autonomia intelectual, direcionando inclusive a escolha do suporte e formato adequados para a execução da práxis leitora.
- e) alfabetizar é apenas um complemento na formação de leitores e não o item essencial para que este objetivo seja alcançado. O educador entra em cena para subsidiar o processo de formação do leitor, pois é mediante a interação de vários níveis de conhecimento (linguístico, textual e empírico) que o leitor em formação construirá sentido e compreenderá um texto em sua essência; daí afirmar-se que a leitura é um processo interativo que agrega o conhecimento prévio do leitor com aqueles subsidiados por mediadores, quer sejam pedagogos, bibliotecários, família entre outros.
- f)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, constata-se que a leitura se constitui em um instrumento valioso de conscientização e libertação ideológica que favorece a emancipação humana.

Os textos literários, especialmente a literatura infantil, instiga o aprender à medida que está impregnada de estímulos lúdicos e prazerosos para que a prática leitora seja construída, pois, como endossa Peruzzo (2011, p.95): “Decodificar os signos não é o suficiente para ter-se familiaridade ou convívio permanente com a leitura”.

É na infância que se procura ensinar os valores éticos e investir na formação do caráter da criança para que se torne um adulto com base ética e com determinação para vencer obstáculos; do mesmo modo, a infância é o período mais adequado para que se trabalhe sua formação como leitora, uma vez que esta é a fase em que se iniciam seus primeiros contatos com o livro e com a leitura, momento ideal para que seus medos, frustrações e demais sentimentos e emoções sejam tocados tendo a leitura como instrumento solucionador de problemas e proporcionador de prazer.

Para propiciar momentos agradáveis no processo de formação de leitores é fato que a leitura tem que adquirir posição de status na vida do leitor iniciante para que seu interesse em tornar-se um leitor crítico o conduza à consolidação do processo.

Como afirma Campos (2011, p.30):

Um livro inesquecível movimentava diferentes sensações e dimensões no sujeito, marcando-o; promove a troca de experiências entre os leitores, levando o leitor a falar sobre a obra para o outro, de modo a que possa sentir também o que ele sentiu durante a leitura.

Diante do trajeto percorrido pela literatura infantil até se apresentar ao leitor nos moldes que se dispõe hoje, pode-se inferir que o ciberespaço tem viabilizado ao leitor percorrer caminhos próprios de leitura, caminhos personalizados de acordo com suas necessidades, utilizando a linguagem hipertextual para fugir da textualidade linear tradicional, tornando-a mais interativa e hibridizando a escrita com recursos sonoros e de imagem.

Assim, o leitor decide o percurso que irá seguir, principiando posturas críticas da práxis de leitura, como quem cai ao dar os primeiros passos, mas paulatinamente, vai adquirindo firmeza nas bases do conhecimento que tendem a se solidificar em cada etapa do processo de formação e desenvolvimento de leitores.

Não se intencionou aqui fazer apologias à cultura digital, entretanto, há de se considerar que a literatura infantil, quando bem mediada, surte o efeito eficaz para o qual é

destinado, haja vista que uma realidade difere da outra e um contexto social exige recursos inerentes a ele.

Tal fato permite concluir que os mediadores das práticas de leitura continuam a desempenhar papel relevante no contexto social e educacional, principalmente numa sociedade em que as crianças já convivem naturalmente com tecnologias que oferecem novas formas de acesso e interação com o texto literário.

Apesar do contexto brasileiro não estar, ainda, cultural e economicamente apto a abraçar o universo digital em todos os seus segmentos sociais, a relação interativa com estas mídias torna-se cada dia mais estreita por ser uma realidade cada vez mais presente juntamente com a necessidade de inclusão digital, pois como pondera Costa (2008, p.3):

O que já era conhecido no caso da televisão tornou-se ainda mais evidente com o computador e toda a família de telas e terminais que o acompanham: as janelas luminosas exercem uma atração especial sobre nós. Motivos não faltam e vão desde o simples interesse despertado pelas imagens em movimento até a necessidade de se comunicar ou de se manter informado.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R. C. Para além do conceito de literatura infantil. **Verbo 21: cultura e literatura**, v.5, n.165, set. 2012. Ensaios e resenhas. Disponível em: <http://www.verbo21.com.br/v5/index.php?option=com_content&view=article&id=1565-para-alem-do-conceito-de-literatura-infantil-rodrigo-da-costa-araujo&catid=126:resenha-e-ensaio-setembro-2012&Itemid=165>. Acesso em: 1 jul. 2013
- A VOZ da criança e a criação da literatura infantil no Brasil. [S.l.], 2011. Não paginado. Disponível em: <<http://saudadesensaiadas.wordpress.com/2011/03/30/a-voz-da-crianca-e-a-criacao-da-literatura-infantil-por-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- CAMPOS, M. C. P. **A leitura como experiência: os livros preferidos dos leitores**. 2011. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, 2011.
- CASSANY, D.; ALLUÉ, C. Leitura e literatura na era da internet. **Revista Pátio**, n. 15, dez. 2012. Disponível em: <[http:// https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/8080/leitura-e-literatura-na-era-da-internet.aspx](http://https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/8080/leitura-e-literatura-na-era-da-internet.aspx)>. Acesso em 20 set. 2013. Não paginado.
- CASTRO, E. F. **Importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. Sobral: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento-da-crianca/9055/>>. Acesso em: 2 jun. 2013.
- COSTA, R. **A cultura digital**. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- DONATO, F. O leitor e o texto no contexto cibercultural: um olhar semiológico sobre as práticas leitoras do século XXI. **Artefactum: revista de estudos em linguagem e tecnologia**, v. 3, n. 1, fev. 2010. Disponível em:

- <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/77>>. Acesso em: 4 jul. 2013.
- FURTADO, C. C. **Rede social de leitores e escritores juniores**: Portal Biblon. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais – Universidade de Aveiro). Aveiro, 2013.
- KIRCHOF, E. R. Identidades de leitor na era digital: o ciberleitor infanto-juvenil. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33., 2010, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPEd, 2010. Não paginado. Disponível em :<<http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt10>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- LUFT, G. F. C. Práticas leitoras multimídias e formação de leiores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: centro, centros – ética, estética, 12., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/.../TC1104-1.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2013.
- PERUZZO, A. A importância da literatura infantil na formação de leitores. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011. p.95-103. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/08.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2013
- RODRIGUES, M. H. C. Gutenberg e o letramento do ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/educacaoelinguagens/documentos/v1n1/v1n1.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2013
- SILVA, A. L. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, v.2, n.2, jul/dez 2009. Disponível em:<<http://galileu.fundanet.br/revista/index.php/REGRAD/article/viewFile/234/239>> . Acesso em 18 set. 2013.
- SILVA, R. J. Leitura, biblioteca e política de formação de leitores no Brasil. **BJIS**, v.3, n.2, p.75-92, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis>>. Acesso em: 4 set. 2013.